

NOTAS MARGINAIS SOBRE O EROTISMO: O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART (UFSC)

"... e um dos editores mais amável me disse: você escreve bem, minha querida, mas por que, hein, você não escreve uma novela erótica? Sabe, as suas peças não têm interesse para o santo povo..."

O Unicórnio, 1970

Meu trabalho deveria abranger os dois últimos livros de Hilda Hilst: **O Caderno Rosa de Lori Lamby**¹ e **Contos d'Escárnio**², ambos publicados em 1990, neles procurando estudar a questão do erotismo. Porém, devido a razões várias, fixei-me somente em **O Caderno Rosa**. O presente trabalho se poderia intitular "Notas para um futuro estudo do erotismo em Hilda Hilst". Só a paixão de leitora pelo texto apaixonante de Hilda me faz apresentar um trabalho ainda em andamento, inacabado.

É, Hilda Hilst, uma escritora de quem a crítica tem tratado muito pouco. Por quê, me pergunto. Por que a crítica, mesmo no Grupo de Trabalho da ANPOLL "A Mulher na Literatura", se tem debruçado sobre as mesmas escritoras: Clarice, à outrance, Lya Luft? É realmente elevado o número de comunicações dedicadas a Clarice Lispector e a Lya Luft. Em levantamento das comunicações do GT, nos três volumes publicados³ não encontramos um só artigo sobre Hilda Hilst. Não é esta, porém, a razão profunda do meu interesse. Mas a constatação me surpreende e me faz refletir sobre as razões da preferência por determinadas escritoras e do enriquecimento de ou-

tras. E isso me leva também a pensar na densa escritura de Hilda Hilst, uma escritora com preocupações universais e que a crítica tem, sistematicamente, rotulado de "difícil", sem procurar saber o porquê...

Hilda Hilst, depois de ter escrito sobre a mulher — a velhice, a deterioração, a loucura, a solidão — filiando-se de certo modo às escrituras do corpo quando a "escrita é um contínuo monólogo a partir de uma imagem vista através de um espelho que reflete o mesmo"⁴, libera-se dessa voz monológica e adota um novo tom. Ou melhor, tenta convencer-nos de que houve uma revolução na sua maneira de escrever. Mas à uma leitura mais atenta, veremos que se, aparentemente, existe essa surpresa temática, esta não é mais do que a cristalização dos temas prediletos da autora — como autora de um livro só. É o que tentaremos demonstrar nestas notas marginais de leitura.

O **Caderno Rosa de Lori Lamby** surpreendeu a crítica especializada. Como classificá-lo (já que é preciso pôr a etiqueta)? Erótico? Pornô? E, ao mesmo tempo que surpreendeu, chocou. Foi um dos objetivos confessos da escritora, ao escolher o estilo "jeca-pornô". Em entrevista à revista **Marie-Claire**, junho 1991, a jornalista pergunta-lhe a razão de ter enveredado nesse estilo e Hilda Hilst confessa que foi para "ganhar dinheiro": "Quer saber, Hilda Hilst, quer saber? Você agora vai escrever textos que todo mundo compreende e vai colocar a problemática do sexo de uma maneira diferente, nova, chula", diz ela para a entrevistadora Lucy Dias. Pois, conseguiu um dos intentos, surpreender. O outro, ganhar dinheiro, parece que não se concretizou ainda...

Uma das razões do escândalo Lori Lamby é a idade da personagem. Lori tem oito anos somente. Todavia, o leitor de Hilda Hilst já havia encontrado o erotismo infantil em **Matamoros**⁵ que é o embrião de Lori Lamby. Mas se o tema lá está, a linguagem se apresenta muito diferente com outra perspectiva narrativa. **Matamoros** é uma volta ao passado de uma mulher que, já velha, rememora sua iniciação sexual. O tom é o da memória. Já em Lori Lamby, o tom empregado é o do presente. Lori Lamby está escrevendo suas memórias com oito

anos ainda. Daí o escândalo provocado, pois, o sexual de crianças, apesar de Freud, ainda é tabu. Também na literatura.

Até pouco tempo, o erotismo era um 'affaire' de homens, era privilégio masculino. A literatura da mulher enfocava o sexo com mais recato, com uma emoção contida e os desejos ficavam mais no metafórico, nas entrelinhas. Segundo José Paulo Paes⁶ existe uma reificação da mulher no itinerário da poesia erótica do Ocidente e "uma hegemonia quase total de um discurso por assim dizer falocêntrico em que o eros feminino só aparece como ausência ou vazio delimitador". Pouco a pouco, vai a mulher liberando-se das amarras do olhar dos outros. Segundo Márcia Denser, organizadora da coletânea **Muito Prazer: Contos Eróticos Brasileiros**⁷, "a mulher possui sua própria maneira de sentir o sexo". Vejamos se essa maneira vai aparecer na narrativa de Hilda Hilst.

O **Caderno Rosa de Lori Lamby**, com ilustrações de Millôr Fernandes, em bela edição da Massao Ohno, se inscreve na linhagem dos livros eróticos. Tenderia ao obsceno se visto somente pelo uso freqüente do vocabulário rotulado de chulo, o palavrão, e pelo explícito das cenas de jogos sexuais.

O livro é pequeno, oitenta e seis páginas, de formato idêntico aos cadernos escolares de capa dura (14,5cm x 22cm). A narrativa é dividida em duas partes: o **Caderno Rosa**, que é o diário de Lori, e o **Caderno Negro**, que pertence ao livro do pai. Essa é a grande divisão. Dentro dessas duas partes, temos também cartas de Lori e do "Tio" Abel, onde aparecem sonhos de Lori. O livro vai terminar com a abertura de um novo caderno que é não mais da vida de Lori Lamby mas das histórias que ela está criando para futura publicação. O nome deste último caderno é "O cu do sapo Liu-Liu e outras Histórias".

É muito interessante observar as epígrafes que já nos levam a refletir sobre o que vamos ler. A principal é a dedicatória, no alto da página: "À memória da Língua". Na mesma página, bem abaixo, uma citação de Oscar Wilde: "Todos nós estamos na sarjeta, mas alguns de nós olham as estrelas". Esta epígrafe dialoga com outra, atribuída à Lori Lam-

by, um pouco mais abaixo: "E quem olha se fode".

Há dois pontos a destacar neste paratexto: a seriedade, escondida no humor, e a nostalgia. **A memória de** é em geral, repetindo, um **in memoriam** para alguém que já morreu. E a língua? Já morreu? Que sentido quer dar Hilda Hilst a este "à memória da língua"? O pessimismo da autora se instala a partir desta dedicatória e na reflexão, na resposta a Wilde por Lori Lamby. Quem busca sair da mediocridade, "se fode". Este paratexto liga-se a várias declarações de Hilda Hilst em entrevistas⁸ onde, sentindo-se particularmente desprezada, esquecida, não prestigiada nem pela crítica nem pelos editores ou leitores, expressa uma desilusão muito grande. Nos seus textos mais antigos, como em **O Unicórnio**⁹, também encontramos reflexões sobre as relações do escritor com os editores. **O Unicórnio** termina com as palavras "eu acredito", repetidas quarenta vezes! É Hilda uma escritora que tem perseguido a sua crença na palavra. Para ela, literatura é algo seríssimo, trabalho de linguagem. Daí este seu "olhar para as estrelas" tê-la levado a uma literatura elaboradíssima e de acesso mais difícil.

Na construção da personagem Lori Lamby, a autora visa a criar uma personagem que destrói mitos, que traz tudo ao "rez-do-chão". Lori tudo desconstrói, inclusive a "sacana-gem". O nome Lori Lamby, de conotação especial, faz pensar na Loreley de Clarice e, bem antes, na sereia da lenda. Os nomes em Hilda Hilst têm sempre significados especiais. Lori, a sereia, seduz. A sedução está também em Lori Lamby. O sedutor, na literatura ocidental, é uma personagem inquieta, cujo desejo não é aplacado. Lori Lamby é a sedutora ingênua. O livro embora possa ser associado ao de Nabokov, não apresenta uma ninfeta tão diabólica e provocante como Lolita. Em Lori Lamby, o que vamos encontrar é uma grande ingenuidade e pureza ao lado do mais extremado amor pela língua. Em toda a narrativa, a personagem persegue o uso e o sentido das palavras. Não há palavras "feias", não há palavrões. Todas as palavras podem ser usadas e o são. E todas as palavras têm de ter o seu sentido conhecido por Lori que a todo momento pergunta o significado das que não conhece. Isso dá lugar para o uso de um humor mais 'escrachado' ligado ao jo-

go de palavras. "Tu cu ó que, Judas? (papi) Tu quoque, Judas? (correção do Lalau)"¹⁰. Lori Lamby é iniciada no prazer da língua — prazer ambíguo, sexual e "escritural". E assistimos ao nascimento da escritura-reflexão sobre a linguagem. O palavrão é usado para renovar velhas palavras. Não há palavras poéticas (é coisa de há muito sabida). Em Hilda Hilst, as palavras têm gosto, têm cor, têm sabor.

Toda a narrativa liga-se à questão da língua que é, ao mesmo tempo, o órgão anatômico que dá prazer a Lori e é linguagem. O pai de Lori é um escritor — um escritor obcecado com a sua obra literária, com o trabalho da linguagem. Porém, não sendo uma obra popular, não vende. Então, por sugestão do editor Lalau, o pai resolve escrever livros pornográficos, para vender. "... eu trabalhei a minha língua como um burro de carga, eu sim tenho uma obra, sua cretina"¹¹, diz o pai para a mãe. Aparece, igualmente, a crítica da linguagem, a crítica do vocabulário infantil de Lori, no próprio tecido do texto. A mãe, criticando o novo estilo do escritor: "Que história é essa de cacetinha piupiu bumbum, que droga, não é você que diz que as coisas têm nome?"¹² E o pai responde, em outro momento "... um livro não se faz como se fazem crianças, é tudo uma construção, pirâmides etc., e a custa de suor, de dor"¹³. Ao final da narrativa, a revelação de que o Caderno Rosa não é de Lori Lamby mas que, tal como o Caderno Negro, foi copiado do futuro romance pornográfico do pai-escritor. Uma única escritura sendo que os escritos de Lori Lamby só serão escritos, no final do livro, ao terminarmos a leitura. O objetivo de desmistificar a pornografia do texto já vai ficando mais claro. E vamos associando o texto de Hilda Hilst ao dos grandes escritores eróticos cujo significado maior era a liberdade, o sacrilégio, a lucidez. Daí ser um absurdo ligar Hilda Hilst às escritoras Adelaide Carraro e Cassandra Rios, rainhas do pornô comercial. O que conta para Hilda Hilst é a linguagem, o jogo, a magia da palavra. Ao mesmo tempo em que há essa busca da linguagem com paixão, há nos seus escritos uma liberdade total que deseja demolir as hipocrisias de uma sociedade moralista e preconceituosa como a brasileira. Não faz tanto tempo ainda, os censores proibiam todas as publicações eróticas visando a

"proteger a instituição da família, preservar os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da juventude"¹⁴. Admitem-se os assassinatos de crianças, todavia o moralismo farisaico ainda é capaz de escandalizar-se com a obra de Hilda Hilst.

O **Caderno Rosa de Lori Lamby** é uma narrativa nitidamente construída, arquitetada, "piramidal". E nos apresenta um Eros jocoso, não sério. A narrativa tende para um humor bem escrachado, fazendo jogo de palavras, usando de situações cômicas, empregando imagens populares (como a do jegue, do padre e outras ligadas a uma fantasia mais popular) numa busca deliberada daquele "santo povo" que não lia a sua obra séria — que talvez, agora, com o uso do grotesco, possa ser finalmente lida (e entendida)... Citando Catulo e Marcial, filia-se ao erotismo zombeteiro e desabusado, ao "Eros chistoso"¹⁵ dos romanos.

De leitura prazerosa, **O Caderno Rosa de Lori Lamby** faz-nos rir e está no riso a mudança mais sensível deste texto comparado com outros da autora: a ausência do misticismo, da obsessiva busca de Deus, agora deixado de lado. Não teremos mais a elevação do escatológico para o sagrado. Porém, mais do que tudo o que vai ressaltar no texto de Hilda Hilst é a paixão da linguagem — a experimentação da linguagem, do erotismo e do grotesco com o jogo como permanente traço de união. A linguagem, uma busca e nesta busca, vai Hilda Hilst sempre se ultrapassando. Do obsceno de **A Senhora D** ao obsceno de **Lori Lamby**, um longo caminho. Em **A Senhora D**, o obsceno trazia a idéia de morte. Em **Lori Lamby**, uma apaixonada certeza da vida: no riso, no exercitar de todos os sentidos, um livro onde o erótico e a escritura se ligam realizando uma totalidade de desejo e de prazer.

*Comunicação apresentada no IV Encontro Nacional Mulher e Literatura realizado em Niterói - UFF de 26 a 28 de agosto de 1991.

NOTAS

- ¹ **O Caderno Rosa de Lori Lamby**. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1990, capa e ilustrações de Millôr Fernandes.
- ² **Contos d'Escárnio: Textos Grotescos**. São Paulo, Siciliano, 1990, capa de Pink Wainer.
- ³ Ana Lúcia Almeida Gazolla (org.). **A Mulher na Literatura** (2º Encontro Nacional da ANPoll, 1987), Belo Horizonte, ANPOLL, VITAE, UFMG, 1990, 224p.
Nádia Bettella Gotlib (org.). **A Mulher na Literatura** (3º Encontro Nacional da ANPOLL), Belo Horizonte, ANPOLL, VITAE, UFMG, 1990, 184p.
Nádia Battella Gotlib (org.). **A Mulher na Literatura** (4º Encontro Nacional da ANPOLL), Belo Horizonte, ANPOLL, VITAE, UFMG, 1990, 312p.
- ⁴ Luiza Lobo. "Dez anos de literatura feminina brasileira". **Letras de Hoje**, nº 66, dez. 1986, Porto Alegre, PUC-RS, p. 107.
- ⁵ **Matamoros (da fantasia)**. In: **Com os meus olhos de cão e outras novelas**. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.147-202.
- ⁶ José Paulo Paes. "Erotismo e poesia". In: **Poesia Erótica em tradução**. Seleção, tradução, introdução, notas de José Paulo Paes, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p.14.
- ⁷ Márcia Denser (org.). "Apresentação" a **Muito Prazer: Contos eróticos femininos**. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- ⁸ "Um diálogo com Hilda Hilst". In: Nelly Novaes Coelho et alii. **Feminino Singular**. São Paulo, GRD Edições; Rio Claro, Arquivo Municipal, 1989, p.136-160.
"A obscena Senhora Hilda Hilst". Revista Marie-Claire, nº 3, junho de 1991, Editora Globo, p.22-29.
- ⁹ "O Unicórnio". In: **Fluxo-Floema**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1970, p.111-164.
- ¹⁰ **O Caderno Rosa de Lori Lamby**, p.21.
- ¹¹ Idem, p.59.
- ¹² Idem, *ibid.*

13 Idem, p.61.

14 Apud Eliane Robert Moraes e Sandra M. Lapeiz. **O que é a pornografia.** São Paulo, Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, p.91.

15 José Paulo Paes, art. cit., p.18.

